



**“NO FIM, TODA MULHER NEGRA É UMA IRMÃ MAIS VELHA”:
COMPARTILHAMENTO E (RE)EXISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS EM UMA
COMUNIDADE VIRTUAL**

Viviane Inês Weschenfelder¹
Cíntia Mara da Luz²

Resumo

Esta comunicação apresenta e discute alguns resultados de uma pesquisa realizada com narrativas autobiográficas de mulheres negras, publicadas no blog *Blogueiras Negras*. A partir de 36 textos autobiográficos disponibilizados entre 2013 e 2016, a investigação analisou como se engendram os processos de subjetivação das mulheres negras que assumem a negritude e quais os efeitos deste movimento para as relações raciais brasileiras e a educação. Inspirada na vertente pós-estruturalista e nos Estudos Foucaultianos, a pesquisa mostrou, entre outros elementos, que o BN possibilita o compartilhamento das experiências das mulheres negras, o que contribui para uma transformação que resulta em outros modos de posicionar-se como sujeito mulher negra, outras formas de (re)existir na Contemporaneidade.

Palavras-chave: Mulheres negras. Feminismo negro. (Re)Existência.

O *Blogueiras Negras* como espaço de investigação

O Blogueiras Negras é uma plataforma de publicação feita por, para e sobre mulheres negras, em caráter afirmativo. Mas somos muito mais do que isso. (FAQ – Blogueiras Negras)³.


As mulheres afrodescendentes formam um contingente populacional de mais de 25% da população brasileira, segundo o IBGE. No entanto, essa presença não se reflete em muitos espaços, e a invisibilidade de mulheres negras nas mídias é apenas um exemplo do quanto o racismo e o sexismo permanecem latentes, afetando duplamente esse grupo. Diante das demandas específicas das mulheres negras e da necessidade de fortalecimento político, o projeto *Blogueiras Negras* surgiu em 2012, por algumas mulheres negras que tinham como principal objetivo dar maior visibilidade às suas produções. O BN é composto por: “uma

¹ Licenciada em História e Licencianda em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. E-mail: vivianeweschenfelder@gmail.com

² Coordenadora Cultural do Clube União e Mestranda em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. E-mail: cintia.bluz@gmail.com

³ Excerto retirado da seção FAQ (perguntas frequentes), disponível em: <http://www.blogueirasnegras.org/faq/>. Acesso em: 30 ago. 2017.





plataforma de conteúdo; um time dinâmico de autoras e uma equipe de facilitadoras”.⁴ Também nomeadas como coordenadoras, as facilitadoras são mulheres negras responsáveis por escolher os textos, realizar a revisão editorial e alimentar o blog, além de mediar o debate no grupo de discussão.

O BN se identifica como uma comunidade virtual, da qual pode fazer parte unicamente mulheres afrodescendentes. As organizadoras assim se posicionam: “O nosso espaço diz respeito às demandas, experiências e vivências das mulheres negras e afrodescendentes e por entendermos que ninguém melhor que nós mesmas para falar de nós, fazemos deste espaço um lugar exclusivo para o protagonismo das mulheres negras e afrodescendentes”.⁵ Collins (2002) mostra que mulheres negras têm produzido, ao longo do tempo, aquilo que chama de espaços seguros (safe space), lugares para livre manifestação e articulação política das demandas vivenciadas por este grupo. Nesta perspectiva, o BN contribui não apenas para a visibilidade das mulheres negras, que adquirem protagonismo através de sua produção escrita, mas favorece o fortalecimento da agenda política e dos processos de identificação com outras mulheres.

Na busca por materialidades que possibilitassem o estudo dos processos de subjetivação dos afrodescendentes na Contemporaneidade⁶, o BN surge como um espaço potente de investigação. Dentre centenas de textos publicados entre os anos 2013 e 2016, foram escolhidos para compor o corpus empírico da pesquisa aqueles que possuem o formato de narrativa autobiográfica. Neste caso, as mulheres não só escrevem em primeira pessoa como relatam suas histórias de vida. Os textos escolhidos envolvem também relatos de experiências pessoais sobre os processos educativos, sobre as diversas formas de discriminação sofridas (especialmente discriminação por raça, gênero, sexualidade e classe) e sobre os modos como as mulheres negras lidam com a negritude e com as relações raciais no cotidiano.

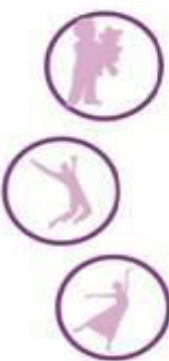
Ao longo da pesquisa, foi possível observar que as discursividades presentes nas narrativas que constituem o blog oferecem o que há de mais florescente dentro do movimento da negritude contemporânea. Trata-se de textos escritos pelas próprias mulheres negras, movidas pelo desejo de escreverem sobre si e de compartilharem suas experiências pessoais, com modos de endereçamento específicos. Além disso, o trabalho investigativo nessa comunidade virtual exigiu o aprofundamento sobre a temática da interseccionalidade e o

⁴ Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/faq/>. Acesso em: 5 jan. 2018

⁵ Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/faq/>. Acesso em: 5 jan. 2018.

⁶ Esta pesquisa foi desenvolvida por uma de nós e resultou na tese intitulada *Modos de (re)existir, de (res)sentir: mulheres negras e relações raciais na educação contemporânea* (WESCHENFELDER, 2018).





Feminismo Negro. Na próxima seção, procuramos mostrar, ainda que brevemente, como o compartilhamento das histórias de vida das mulheres negras no BN contribui para o fortalecimento do movimento feminista negro e produz subjetividades que geram outros modos de (re)existência desses sujeitos.

Compartilhamento e (re)existência: modos de constituir-se mulher negra contemporânea

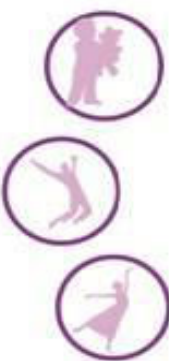
No fim toda mulher negra é uma irmã mais velha. Sei que quando saio na rua com orgulho do meu afro, da minha cor e ancestralidade estou sendo a irmã de alguém. [...]. É belo ver as minhas irmãs se orgulhando de si mesmas, se empoderando. É belo criá-las para saber que há muito mais no mundo do que o papel de empregada ou mulata: elas podem ter tudo aquilo que desejarem se trabalharem para isso. As blogueiras negras foram minhas irmãs nesse caminho de tantas descobertas, me dão forças nas horas de fraquejo e dor. E assim temos que seguir, de mãos dadas, porque é belo, porque é belo ser negra. (Kelly Matias).⁷

O excerto da narrativa de Kelly Matias, que integra o texto intitulado “*É belo ser irmã, é belo ser negra*”, empresta o título a essa comunicação e serve como exemplo de alguns elementos evidenciados nas análises: a valorização que as mulheres negras atribuem umas às outras e o cuidado afetivo e político que circula nessa comunidade virtual. Kelly Matias relata como o nascimento de suas irmãs contribuíram para que ela se tornasse negra, na medida em que as meninas despertavam sua responsabilidade e o desejo de cuidar, de proteger. A partir dessa relação, a autora mostra que outras mulheres negras também assumem a posição de irmãs mais velhas, tornando-se referência para as demais nos processos de reelaboração de si mesmas. Assim, o cuidado de si implica também em cuidado das outras. Essa relação de cuidado e de afeto com as demais mulheres negras é chamada de sororidade negra. A sororidade negra é um elemento marcante do feminismo negro e pressupõe que o posicionamento das mulheres negras seja de engajamento não apenas individual, mas também coletivo, de todas as mulheres negras.

Como mostra Collins (1990), o *Black Feminist Thought* (Pensamento Feminista Negro) é uma corrente de pensamento elaborada por mulheres negras e voltada para mulheres negras, com vistas a interpelar um número cada vez maior de ativistas. Esse é um modo também de garantir o protagonismo intelectual das pesquisadoras negras, já que muito de sua produção tem efeitos diretos nos coletivos feministas negros. Além da grande influência

⁷ Texto publicado em 23 de abril de 2014, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/23/e-belo-ser-irma-e-belo-ser-negra/>. Acesso em: 28 nov. 2017.





americana em relação ao surgimento e ao fortalecimento do feminismo negro, intelectuais negras brasileiras vêm incorporando novos elementos para pensar as especificidades do Brasil. Com a expressão enegrecer o feminismo, cunhada por Sueli Carneiro, as feministas negras chamam a atenção para “a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, [procuram] revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídas em sociedades multirraciais e pluriculturais”. (CARNEIRO, 2003, p. 118).


Ao articular gênero e raça, outro termo importante para o campo do feminismo negro é a interseccionalidade. Para Crenshaw (2002), ela é produtiva na medida em que visibiliza as questões que atravessam gênero e raça ou ainda outros marcadores identitários. Ao atuarem em conjunto, gênero e raça produzem formas múltiplas de discriminação sobre as mulheres negras. Uma vez compreendendo esses atravessamentos, abrem-se outras possibilidades de pesquisas e de intervenção política. Assim, a ideia de discriminação interseccional tem por objetivo “identificar mecanismos para que instituições trabalhem em conjunto para garantir que a discriminação racial e a discriminação de gênero que afeta mulheres negras sejam consideradas mutuamente e não de uma maneira excludente”. (CRENSHAW, 2002, p. 8).

Grande parte das autoras que escrevem e publicam suas histórias no BN não só demonstram o domínio dos conceitos que embasam o feminismo negro, mas também são responsáveis pelo seu fortalecimento. As narrativas autobiográficas mobilizam aprendizagens sobre formas de ver e de se posicionar diante das práticas discriminatórias, produzindo empoderamento individual e coletivo. O contato com mulheres negras da mesma geração, que vivenciam experiências discriminatórias semelhantes, que se identificam pelos mesmos gostos artísticos e estéticos e compartilham os mesmos sonhos, mostra-se fundamental para as autoras. Todavia, não se trata apenas de conhecer outras histórias de vida e de se apossar das teorias produzidas por intelectuais negras para melhor desenvolver o seu “eu”. A relação que se estabelece com outras mulheres é de sintonia, intimidade, amizade, cuidado, como demonstra Eliane Oliveira: “*Aprendi que sem minhas irmãs pretas, reais ou virtuais, minha luta não teria sentido, que as batalhas seriam ainda mais sofridas, que juntas somos mais e sim, somos nós por nós*”.⁸

Quando uma história de vida é narrada, pessoas com histórias de vida semelhantes sentem que não estão sozinhas, percebem que experiências dolorosas, como aquelas ocasionadas pela discriminação racial, não ocorreram apenas com elas. Quando as mulheres

⁸ Texto publicado em 11 de setembro de 2015 e disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2015/09/11/o-que-aprendi-com-meu-feminismo-tardio/>. Acesso em: 29 nov. 2017.





negras escrevem sobre essas experiências, direcionando seus textos a outras mulheres negras e compartilhando seus próprios modos de olhar para si e de resistir diante das dificuldades, movimentos poderosos de subjetivação são desencadeados. Por essa razão, a escrita de si (FOUCAULT, 2004) serviu como ferramenta metodológica para analisar os processos de subjetivação visibilizados no BN. Para Rose (2001, p. 143),


A subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da decomposição e de recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em seres capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles.

Obviamente, a diversidade das autoras que publicam no BN e as singularidades de cada história não nos permite apontar para uma única subjetividade. No entanto, há, nessa comunidade virtual, determinados modos de se constituir mulher negra que parecem ser mais fortes que outros. A articulação teórica e a atitude política na forma de olhar pra si mesmas, para as demais mulheres negras e de conduzir as relações sociais apresentam similaridades. É possível ver como algumas autoras do BN, apoiadas nos coletivos de mulheres negras, tornam-se exemplos de condução das condutas e influenciam outras mulheres afrodescendentes a também assumirem seus cabelos naturais, a valorizarem sua ancestralidade, a vincularem-se ao feminismo negro.

“Uma sobe e puxa a outra” tem sido um lema presente em passeatas, páginas *web* e textos produzidos por mulheres negras. Esta expressão traz consigo o comprometimento com um coletivo, o que permite associar às práticas do cuidado de si (e dos(as) outros(as)). Não se trata apenas de ascender socialmente, mas de ocupar espaços sociais nos quais mulheres negras que até então foram invisibilizadas. A sororidade negra que atravessa as discursividades das mulheres negras não é uma prática recente. Ao contrário, pesquisas mostram que redes de solidariedade eram criadas e mantidas por africanos e afrodescendentes desde o século XVI. No entanto, o que vemos agora é uma conjugação das práticas históricas de resistência negra com um modo contemporâneo de tornar-se mulher negra, uma transformação que passa a ocorrer a partir do momento em que essas mulheres se reconhecem como negras e assumem sua negritude. É então que novas formas de existir, de (re)existir, tornam-se possíveis.

Ao compartilharmos essa pesquisa, nosso intuito é fomentar a discussão sobre as potencialidades de espaços interseccionais como o BN para a multiplicação de narrativas e de outras formas de resistência. Ao mesmo tempo em que se constitui como um “espaço seguro”





(COLLINS, 2002), o blog analisado é um site público que permite a visibilidade das produções de mulheres negras. Acreditamos que, com a difusão das mídias digitais, seja possível também multiplicar espaços de luta e outros modos de (re)existência. Espaços esses que possam valorizar, sobretudo, a singularidade de cada sujeito e que possam ser usados como ferramentas potentes para a educação contemporânea.

Referências

- BLOGUEIRAS NEGRAS. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/>>. Acesso em: 25 mai. 2018.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.
- COLLINS, Patricia Hill. “The social construction of black feminist thought”. In: MALSON, Micheline R. et al. **Black women in America: social science perspectives**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. p. 297-325.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. 2. ed. New York: Taylor & Francis e-Library, 2002.
- CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Painel 1 – Cruzamento: raça e gênero, p. 7-16, 2002. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2016.
- FOUCAULT, Michel. “Escrita de si”. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política**. Tradução de Elisa Monteiro e Inés Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162.
- ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.
- WESCHENFELDER, Viviane I. **Modos de (re)existir, de (res)sentir: mulheres negras e relações raciais na educação contemporânea**. 2018. 288f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

